

# ARTICULAÇÃO

ITINERÁRIOS

LINGUAGENS

BNCC 

Desde o início dos tempos, a música esteve presente na narrativa humana, com canções que recriavam histórias – e ainda hoje, continuam despertando sensações e emoções, tendo um papel fundamental na formação e na representação de uma cultura



## O desabafo de Milton Nascimento com o atual momento da música popular brasileira

Bruno B. Soraggi

“A música brasileira tá uma m\*\*\*\*”, diz Milton Nascimento. “As letras, então. Meu Deus do céu. Uma porcaria”, emenda o cantor e compositor de 76 anos de idade.

“Não sei se o pessoal ficou mais burro, se não tem vontade [de cantar] sobre amizade ou algo que seja. Só sabem falar de bebida e a namorada que traiu. Ou do namorado que traiu. Sempre traição.”

Ele cita os nomes de Maria Gadú e de Tiago Iorc como os poucos jovens de quem gosta na atual geração de músicos nacionais. “Tem o Criolo também, mas ele não é tão novo.”

“Não sei por quê [o cancioneiro nacional está ruim]”, afirma. “Mesmo com a ditadura [1964–1985], o pessoal não deixava de falar as coisas. Ou [os censores] não deixavam ou a gente escrevia [músicas] e eles entendiam errado. Mas ninguém deixou de escrever”, conta.

[...]

Coautor de “Coração de Estudante”, que virou hino das Diretas Já em 1985, Milton hoje prefere não falar de política. “Só [digo] que eu não estou achando nada legal ultimamente”, afirma ele, que não votou na última eleição.

[...]

Mas Milton não anda “com muita vontade de compor”. “Estou meio triste com a vida. Não com a minha vida, mas com o geral. Quero acreditar, mas não acredito muito no mundo. Principalmente na burrice, na política”, revela. “Para compor não tenho tido inspiração, não”, conta.

Mas cantar ainda lhe dá ânimo. “Eu não consigo compor, mas gosto de cantar. Isso eu não quero parar nunca”, diz ele, emendando outra história.

“Fomos tocar no Uruguai. A gente estava louco para conhecer o [ex-presidente José] Mujica. Chegamos lá e soubemos que ele estava louco para conhecer a gente. Fomos à casa dele. É uma coisa incrível porque você não acredita que um presidente possa morar em uma casa tão simples”, afirma.

“Uma hora ele perguntou para mim: ‘Como está a política no Brasil?’ Eu falei: ‘Tá uma m\*\*\*\*’. Dá vontade até de parar de tocar’. Ele respondeu: ‘Não. Nunca pare de cantar. Porque a música é a coisa que pode salvar o mundo’.”

[...]

SORAGGI, Bruno B. ‘A música brasileira está uma m\*\*\*\*’, diz Milton Nascimento. **Folha de S.Paulo**, 22 set. 2019. Opinião. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2019/09/a-musica-brasileira-esta-uma-merda-diz-milton-nascimento.shtml>>. Acesso em: 6 nov. 2019.

Um canto de dor e esperança, *Coração de estudante* representava o sentimento da época:

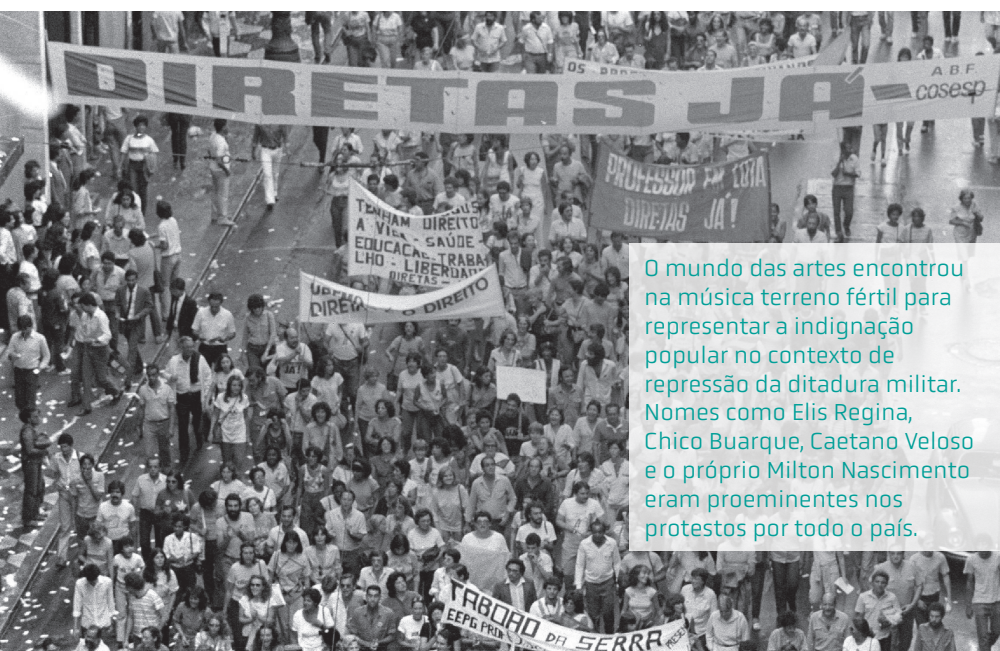


<<http://ftd.li/43pyrk>>

Algumas das músicas mais representativas da época, que entoaram os cantos de liberdade e denúncia, podem ser encontradas na *playlist*:



<<http://ftd.li/w38mp4>>



O mundo das artes encontrou na música terreno fértil para representar a indignação popular no contexto de repressão da ditadura militar. Nomes como Elis Regina, Chico Buarque, Caetano Veloso e o próprio Milton Nascimento eram proeminentes nos protestos por todo o país.



## Popular e perseguido, *funk* se transformou no som que faz o Brasil dançar

Camilo Rocha

[...]

Os bailes são comuns e costumam acontecer toda semana nas comunidades periféricas brasileiras.

### Como o *funk* projeta o orgulho da periferia

[...]

Cantado em português, o *funk* frequentemente se tornou um canal para se relatar as dificuldades da vida na comunidade. Em meio à denúncia, entretanto, o tom raramente soa resignado ou melancólico. Muito mais comum nas letras é o orgulho da favela, da sua potência criativa e capacidade de animação.

A exaltação da origem aparece em *funks* de todos os tipos e vertentes, às vezes até em nomes de artistas, como Nego do Borel (da Favela do Borel, no Rio) ou o MC Neguinho da Kaxeta (da favela do mesmo nome, em São Vicente, Baixada Santista). Bairros e comunidades costumam ser citados em *shows* e aparecem em letras.

[...]

Para quem estuda a cultura do *funk*, o orgulho serve como defesa contra a estigmatização, que vai da classe social ao gosto musical. “Movimento *funk* leva à desesperança”, mancheteu o Jornal do Brasil em 1992, em uma das primeiras matérias negativas sobre os frequentadores de bailes *funk*. Nas letras do *funk* deste período, entretanto, o que predomina é um sentimento oposto. “Elas vão falar de como é bonita a Rocinha, como Vidigal tem lindas

meninas, como a Cidade de Deus tem gente inteligente”, disse Adriana Facina, antropóloga e professora da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), ao **Nexo**.

O *funk* saiu das favelas do Rio de Janeiro para conquistar o Brasil e o mundo. O ritmo ganhou palco próprio no Rock in Rio 2019, o Espaço Favela – muito criticado por representar a segregação entre “asfalto” e morro –, com atrações como MC Carol e Tati Quebra Barraco. Ainda, no Palco Sunset, teve Ludmilla e Buchecha, além do maior expoente *funk-pop* da atualidade, Anitta, no Palco Mundo (palco principal do festival).



Em 2009, a Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro promulgou uma lei que declarava o *funk* como patrimônio cultural imaterial do estado. Como justificativa, dizia que o *funk* “está diretamente relacionado aos estilos de vida e experiências da juventude de periferias e favelas”.

[...]

## Por que o *funk* é criticado

O *funk* sofre críticas por diversos aspectos. Há quem reclame da sua falta de “musicalidade”. Nas comunidades em que acontecem festas, são frequentes os protestos por perturbação do sossego. Mas as duas acusações mais disseminadas são a de que o gênero faz apologia à violência e que é machista e objetifica a mulher.

O texto do abaixo-assinado enviado ao Senado que pede que o *funk* seja tornado ilegal diz que seu conteúdo é “podre”, responsável por “crime contra a criança, o menor adolescente e a família”. Conclui que o estilo configura “crime de saúde pública”, sendo uma “falsa cultura”. Os termos usados ecoam, em muitos casos literalmente, o que se diz sobre o *funk* em comentários nas redes sociais e sites de notícia. A avaliação de pessoas do meio é que a proposta, elaborada por um empresário paulista, tem pouca chance de emplacar no Senado.

Para MC Leonardo, da Associação dos Profissionais e Amigos do Funk, “todas as culturas populares brasileiras sofreram preconceito, mas poucos sofreram perseguição como o *funk*”. “Não tenho notícias de uma reação tão violenta contra um novo estilo musical que tenha acontecido em outro lugar no mundo”, afirmou Hermano Vianna em entrevista. De acordo com o antropólogo, foram muitas vezes em que ele ouviu relatos de equipamentos de som de bailes serem metralhados pela polícia. Notícias recentes dão conta de que o veículo Caveirão, do BOPE, vem sendo usado para derrubar e destruir aparelhagens de som de festas de *funk*.

Do outro lado, existem muitas denúncias de atos de violência dentro de bailes *funk*, não faltando vídeos no YouTube e reportagens na mídia sobre isso. No Rio de Janeiro, um período da década de 1990 é conhecido como o dos “bailes de corredor”, em que galeras rivais, separadas em lados distintos por seguranças, trocavam agressões físicas. Muitas letras reforçam essa impressão ao cantar sobre armas, crimes e conflitos, caso do “Rap das armas”, sucesso da década de 90 que lista marcas e modelos de pistolas e fuzis. Em sua defesa, os artistas dizem que estão apenas cantando o que vivem. “O *funk* não é o criador da violência... mas canaliza a violência”, escreveu MC Leonardo em artigo no jornal O Globo.

[...]

Para Adriana Facina, da UFRJ, o *funk* nasceu em um momento de ampliação do estado penal, guerra às drogas, com aumento do comércio e consumo de cocaína, e a escolha, com o fim da ditadura, de um “novo inimigo” na forma do jovem pobre de periferia. A “criminalização brutal” desse setor da população está ligada à macabra sucessão de chacinas ocorridas a partir de 1990, incluindo a ocorrida em Acari em 1990 (11 jovens, sendo seis menores, desaparecidos), e as da Candelária (oito jovens, sendo seis menores) e de Vigário Geral (21 moradores da comunidade), ambas em 1993. “O *funk* é fruto de tudo isso”, disse Facina ao **Nexo**.

[...]

ROCHA, Camilo. Popular e perseguido, *funk* se transformou no som que faz o Brasil dançar. **Nexo**, 4 maio 2018. Opinião. Disponível em: <[www.nexojornal.com.br/explicado/2017/10/22/Popular-e-perseguido-funk-se-transformou-no-som-que-faz-o-Brasil-dancar](http://www.nexojornal.com.br/explicado/2017/10/22/Popular-e-perseguido-funk-se-transformou-no-som-que-faz-o-Brasil-dancar)>. Acesso em: 6 nov. 2019.

Na gênese, o *funk* brasileiro tinha músicas de exaltação à favela e à vida na comunidade. Confira em:



<<http://ftd.li/97g2mp>>



## A voz da canção

Danilo Gusmão

Em seu resgate às raízes ancestrais moçambicanas, Lenna Bahule apresenta uma produção autoral rica e cativante. Conheça o trabalho da cantora em:



<<http://ftd.li/pyewdk>>

A mulher do fim do mundo, de Elza Soares, é um manifesto feminista. Ouça o álbum completo em:



<<http://ftd.li/6pook8>>



Músicos com vestes e instrumentos tradicionais do Benim. A música cria elos entre presente e ancestralidade.

**N**a Grécia antiga, os Rapsodos eram profissionais responsáveis por disseminar a grande poesia de um tempo. Eram poemas longos, cantados de lugar em lugar, e que traçavam a história de heróis importantes e acontecimentos transformadores. Em ritos xamânicos dos Yanomami, povo originário do Brasil, as narrativas são substancialmente contadas por meio de cantos ritmados. Em Moçambique, aprende-se música assim como se aprende a falar, brincar, andar e existir no mundo. Música e letra, ritmo e poesia, palavra e melodia, estão associadas por princípio. Aquilo que hoje chamamos de canção é uma combinação entre duas linguagens artísticas essenciais na história da humanidade: a música e a literatura. Canção é letra e música, não é nem uma nem outra e, mesmo distanciadas em alguns contextos, elas tendem historicamente a formar essa terceira coisa que potencializa suas duas partes fundadoras.

Na história de países com alto índice de letramento, a publicação de obras literárias, filosóficas e científicas muitas vezes mudou e ainda muda o rumo do pensamento de todo um povo. Ao seu modo, grandes composições musicais atravessaram as formas de sentir e interpretar o mundo de maneira igualmente potente. No Brasil, especialmente, por meio da canção se transmite desde a pulsão e a liberdade da dança até as mais complexas percepções e conceitos sócio-históricos e filosóficos de nossa literatura.

Podemos citar grandes compositores(as) e intérpretes como exemplos de pensadores(as) da cultura brasileira: Milton Nascimento, Caetano Veloso, Mano Brown, Gilberto Gil, Dorival Caymmi, Elis Regina, Siba, Juçara Marçal, Chico Buarque, Elza Soares, Emicida, Criolo, Paulinho da Viola, Karina Buhr, Jonathan Silva etc. Citemos também compositores(as) e produtores(as) que têm cada vez mais simbolizado a força política que o corpo pode carregar, como Tati Quebra Barraco, Liniker, Mc Carol de Niterói, Linn da Quebrada, Heavy Baile, Teto Preto, Pablo Vittar etc. Hoje há inclusive perspectivas feministas num dos estilos musicais mais tradicionalmente machistas do Brasil, o sertanejo – por mais que cantoras como Marília Mendonça fujam desse rótulo político. O fato é que, independentemente do conteúdo a ser transmitido, a canção é um grande meio de instigar novas formas de pensar e sentir em nosso país, inevitavelmente mais presente no cotidiano das pessoas do que a literatura.



O samba, assim como o *funk* brasileiro, carrega um histórico de rejeição, preconceito e hostilização. Nascido na periferia do Rio de Janeiro, carregou o estigma do racismo por muitos anos até ser reconhecido como arte. Em sua gênese, contou com a força de grandes expoentes, como Noel Rosa [foto].

Criolo, cantor e compositor do bairro periférico do Grajaú, São Paulo, conhecido no meio por seu *rap* de denúncia da realidade paulistana, mergulhou em um projeto só com sambas autorais, *Espiral de ilusões*. Assista ao clipe, também em tom de protesto, do samba *Menino mimado*:



[<http://ftd.li/chq2aj>](http://ftd.li/chq2aj)

No início da década de 1910, quando os gramofones e aparelhos de gravação chegaram ao Brasil e o mercado fonográfico começava a tomar forma, foi a canção o primeiro produto procurado, tanto pelos donos desses meios de produção quanto pelo público consumidor de discos. Mas não qualquer canção: o samba urbano dos morros e rodas de terreiro, de origem negra e pobre. Segundo o músico e linguista Luiz Tatit diz em seu livro *O século da canção*: “Iniciava-se, assim, a era dos cancionistas, os bambas da canção, que se mantinham afinados com o progresso tecnológico, a moda, o mercado e o gosto imediato dos ouvintes. Nascia também uma noção de estética que não podia ser dissociada do entretenimento”. Nesse mesmo período já era perceptível uma rachadura entre os olhares mercadológico e acadêmico sobre o que seria a musicalidade mais representativa dos anseios nacionalistas do Brasil daquele tempo. Figuras como Heitor Villa-Lobos, Elsie Houston e Mário de Andrade, por mais que transitassem pelos terreiros e morros da cidade, defendiam a musicalidade do bumba meu boi, do maracatu, dos jongos e de outras manifestações rurais como sendo a música legitimamente brasileira.

Nas décadas de 1960 e 1970, vivemos um momento pulsante que consolidou a carreira de artistas importantes como o já supracitado Milton Nascimento. Mesmo havendo tensões entre intelectualidade e popularidade, um fenômeno do período foi a relação estreita entre entretenimento, experimentação e grande qualidade nas letras. A disseminação desse tipo de música decorreu, centralmente, dos festivais de canção popular, transmitidos cotidianamente pela TV e pelo rádio, mas também do pensamento tropicalista, interessado no hibridismo entre as mais diversas referências musicais – do erudito ao brega, da guitarra elétrica à música orquestral.

Quando Milton Nascimento, em entrevista à coluna de Mônica Bergamo, declarou que “A música brasileira está uma m\*\*\*\*”, muitas respostas de artistas vieram à tona. O compositor se referia especificamente “à música feita no *mainstream* do mercado nacional, consumida pela massa”, como disse em seu perfil do Instagram. Pode ser que algo nessa música realmente não ande bem para alguns e que não encontremos o mesmo fenômeno que estruturou artistas essenciais da nossa canção em outros tempos, mas ela segue viva e em movimento. Veicular essa frase descontextualizada numa manchete é disseminar uma ideia de superioridade ou inferioridade, desinteressada no fato central de que música é para todos, vem de todos e pode ser feita das formas mais inéditas. As influências de um compositor transcendem cada vez mais a noção de estilo e de estrato de mercado, ficando cada vez mais difícil dizer que se cria puramente um só gênero musical e menos ainda reduzir a música a boa ou ruim.

Enquanto a discussão estiver entre alta e baixa cultura, quem acaba acusado é “Quem inventou o samba, o baile *funk*, o boi do Maranhão, o samba *reggae*, o Jongo etc. foram os pretos que eram pobres. Sem eles não existiria a cultura brasileira”, como afirmou o compositor Lucas Santtana em resposta à manchete em seu Instagram. Poucas semanas antes, em 2 de agosto de 2019, a artista Linn da Quebrada sofreu censura e não pôde se apresentar na parada LGBTQI+ de João Pessoa, pois sua linguagem foi considerada “pejorativa”. A justificativa do veto se deu pelo posicionamento que Linn da Quebrada tem como artista, consequentemente em seu trabalho, e o que ela representa como corpo político.

Em 2017, completaram-se 5 décadas da Tropicália, o que rendeu o documentário *Especial Tropicália 50 anos* (25 min):



<<http://ftd.li/ag2has>>

É necessário que critiquemos todo o cancionário brasileiro, com atenção às transformações por que ele passa e as necessidades de expressão que adquire e abandona com o passar dos anos, mas desqualificá-lo subjetivamente, fora de contexto, como o faz a manchete citada, invisibiliza trabalhadores da música independente, além de beirar níveis de censura em tempos já delicados nesse quesito.

Em 1971, plena ditadura militar e censura, Torquato Neto respondeu a uma nota crítica que tratava como “má vontade” a timidez de Chico Buarque no palco, dizendo: “Esse tipo de ‘notinhas’ em colunas espalhadas por aí faz parte do esquema geral da morte. O cara está vivo, lutando igualzinho a todo mundo, com os meios de que dispõe. Daí que a turma começa a se agitar: tem um vivo por aí? Pau nele, até matar; até – pelo menos – calar sua boca [...]. Timidez agora é má vontade? [...] A turma da morte é fogo, mas a turma da vida é viva, está viva, graças a Deus!”. A canção brasileira segue junto à turma dos vivos, reestruturando-se para transmitir e transformar, em melodia e palavra, formas de agir e pensar de diferentes classes, gêneros, raças e formações sociais existentes no país.



◀ **Danilo Gusmão** é escritor, músico e educador. Autor de *Contíguo* (poesia – Editora Patuá) e *Céu-tamanho* (infantojuvenil – MOVPalavras). Trabalha como arte educador no programa Fábricas de Cultura, pelo qual fez a direção musical em 2016 e 2017 no Projeto Espetáculo Jd. São Luís, além de desenvolver ateliês de criação literária e cancional. Integra o grupo “Caê”, recriando canções de Caetano Veloso para crianças. Em 2019, lançou seu primeiro álbum autoral, intitulado OGÓ, e seu terceiro livro, *Cavalos soltos* (poesia – Editora Urutau).

**SUPER  
poster**

# Aquarela do Brasil

A história da música brasileira em todas  
as suas cores, ritmos e melodias

## MPB

Não é bem um gênero,  
mas sim um jeito  
de compor derivado  
do samba, de ritmos  
nordestinos, do jazz  
e do pop. Seus maiores  
destaques são Caetano,  
Gil, Chico Buarque,  
Djavan, Ivan Lins e  
o Clube da Esquina,  
capitaneado por Milton  
Nascimento

## BOSSA NOVA

Um samba jazzificado,  
grande responsável pelo  
prestígio atual da nossa  
música. O jazz e a divisão rítmica,  
simplificados por João Gilberto,  
se juntaram a talentos  
como Tom Jobim, Vinícius  
de Moraes, Roberto  
Menescal e Carlos Lyra

## MARCHINHA

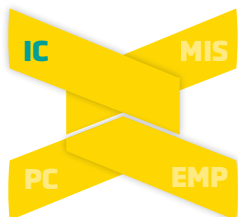
Derivada da marcha militar,  
evoluiu paralelamente ao samba  
e foi a música de Carnaval por  
excelência, reinando dos anos 20  
aos 60. João de Barro (Braguinha)  
e Lamartine Babo são os mestres  
desse gênero, do qual participaram  
Noel Rosa e Ary Barroso. A marcha-  
-ranch, mais sofisticada, derivou  
dos sopros dos cortejos  
carnavalescos

## SAMBA

O ritmo mais importante do país, adotado  
como símbolo nacional e difundido com  
apoio oficial a partir dos anos 30. Nasceu  
dos batuques africanos e tomou forma  
no final do século 19, nas casas das  
"tias" baianas da Praça Onze, no Rio.  
De lá, levado por Sinhô, chegou aos  
salões, pelas mãos de Ismael Silva e  
outros, subiu os morros. Noel Rosa,  
Ary Barroso e Ataulfo Alves fizeram  
o estilo ganhar o mundo e viver  
na voz de intérpretes como  
Carmen Miranda e Orlando  
Silva. Até os anos 50, evoluiu  
em vertentes como o samba  
sincopado (de Geraldo Pereira  
e Wilson Batista), samba-choro,  
ou samba de gafieira, e o samba-  
-canção, antes de desaguar  
na bossa nova e nas fusões  
de Jorge Ben. Nos anos 80,  
renovou-se em forma de  
pagode e prestou-se a MPB  
misturas com o pop, a MPB  
e a eletrônica

Influências estrangeiras • Mistura de estilos





> **Investigação  
Científica**



1. José Miguel Wisnik afirma em seu livro *Getúlio da paixão cearense* que “O popular pode ser admitido na esfera da arte quando, olhado à distância pela lente da estetização, passa a caber dentro do estojo museológico das suítes nacionalistas, mas não quando, rebelde à classificação imediata pelo seu próprio movimento ascendente e pela sua vizinhança invasiva, ameaça entrar por todas as brechas da vida cultural, pondo em xeque a própria concepção de arte do intelectual erudito”. Que tipo de analogia seria possível construir entre esse trecho de Wisnik e as várias formas de música de massa produzidas hoje em dia: *funk*, *sertanejo*, *pop* etc.?
2. Construa uma lista dos principais compositores e intérpretes que fizeram parte de sua formação social e intelectual. Escolha dois dos artistas citados e aprofunde a pesquisa em relação a sua obra e o período histórico em que lançaram seus trabalhos mais emblemáticos.



1. O *funk*, o sertanejo, o *pop* e outros gêneros musicais costumam ser estruturados pela simplicidade nas harmonias e melodias, letras sobre questões que primordialmente podem não parecer profundamente reflexivas, e isso acaba por afastar considerações acadêmicas mais tradicionalistas e menos ligadas à ideia de que toda manifestação cultural pode ser um objeto valioso para análise. Isso pode retardar o acúmulo de fortuna crítica sobre esses gêneros musicais e o real aproveitamento de toda a complexidade sociocultural de nosso tempo que as canções podem apresentar.

2. Espera-se que os alunos apresentem uma lista com suas bandas, interpretes, compositores favoritos e/ou, ainda, artistas cujas músicas são marcantes em sua própria história. Como exemplo, apresento uma pesquisa sobre Caetano Veloso e Mano Brown, com os discos, respectivamente, *Transa* (de 1972) e *Sobrevivendo no Inferno* (de 1997).

O primeiro foi um trabalho desenvolvido com direção musical de Jards Macalé, que também toca guitarra na banda que interpreta as canções de Caetano. Há várias citações de músicas de manifestações culturais diversas da cultura brasileira (samba de coco, maracatu, cantiga de roda etc.). *Transa* foi gravado no início da década de 1970 em Londres, durante o período de exílio político de Caetano (forçado pela ditadura militar), e foi lançado em 1972 no Brasil, logo que o compositor retorna ao país.

O segundo trabalho, *Sobrevivendo no inferno*, do grupo Racionais Mc's, integrado por Mano Brown, foi lançado no final do governo Fernando Henrique Cardoso, momento ápice de desigualdade social no Brasil democrático. O disco reflete aspectos dessa desigualdade nas periferias da cidade de São Paulo com letras contundentes e arranjos que citam figuras importantes da canção brasileira e estadunidense como Jorge Ben, Thaíde DJ Hum, Belchior, Curtis Mayfield, Marvin Gaye, Isaac Hayes, entre outros. O disco está atualmente entre as obras de leitura obrigatória para o vestibular da Unicamp.

#### Na BNCC:

- EMIFCG01
- EMIFLGG01

#### Conteúdos abordados:

- Música popular;
- Preconceito musical;
- Identidade musical.

#### A arte e a vida: dinâmicas de representação

Neste ciclo de 2020, o **Articulação Itinerários LT** aborda temas que se relacionam às dinâmicas de representação que nos levam a crer que a arte imita a vida, e vice-versa, por meio do estudo de criações artísticas em seus contextos de produção e como reverberaram na sociedade de então, analisando seu caráter transcendental e de vanguarda com base no que refletem: a essência humana.

# ARTICULAÇÃO

ITINERÁRIOS

JANEIRO | 2020 EDIÇÃO Nº 1

## LINGUAGENS

**Diretor de conteúdo e negócios**

Ricardo Tavares de Oliveira

**Diretor adjunto de Sistema de Ensino**

Cayube Galas

**Gerente editorial**

Júlio César D. da Silva Ibrahim

**Gerente de produção e design**

Letícia Mendes de Souza

**Editora**

Cláudia Pedro Winterstein

**Editor assistente**

Thiago Costa de Oliveira

**Coordenador de eficiência e analytics**

Marcelo Henrique Ferreira Fontes

**Supervisora de preparação e revisão**

Adriana Soares de Souza

**Preparação e Revisão**

Equipe FTD

**Coordenadora de imagem e texto**

Marcia Berne

**Pesquisa de Iconografia**

Equipe de Iconografia

**Coordenadora de arte**

Daniela Máximo

**Supervisor de arte**

Fabiano dos Santos Mariano

**Projeto gráfico**

Bruno Atilli

**Editora de arte**

Adriana Maria Nery de Souza

**Créditos das imagens:**

p.1. LineTale/Shutterstock.com; p.2. Matuiti Mayezo/Folhapress;  
p.3. MARCOS ARCOVERDE/AGÊNCIA ESTADO/AE, Alexandre Schneider/Getty Images; p.5. Simon Kovacic/Shutterstock.com;  
p.6. Fundação Biblioteca Nacional; p.7. Acervo do autor;  
p.8. PEDRO SA, RAFAEL KENSKI, CARLO GIOVANNI E RODRIGO MAROJA/Abril Comunicações S.A.